

# REFLEXÃO SOCIOLÓGICA SOBRE O CONTO *FUNES, O MEMORIOSO* E O REGISTRO (EPISTEMOLÓGICO) WEBERIANO: APONTAMENTOS SOBRE UM CONTRASTE

*Autora: Carolina Stéphanie Rodrigues Gonçalves<sup>1</sup>*

## Resumo

**Objetivo** - Objetiva-se elaborar uma reflexão sociológica sobre o conto *Funes, o memorioso*, de Jorge Luís Borges, e o método compreensivo de Weber, método este que assentar-se-ia sobre um grande dilema epistemológico, a saber, a relação entre uma realidade empírica em tudo caótica e incomensurável (infinita), e, em contraste, um pensamento humano finito e com capacidade ordenadora. Assim, valendo-nos do estatuto weberiano e dessa espécie de "dança de confronto" colocada dilematicamente por esse pensamento, empreenderemos uma análise do referido conto, que, em contraste ao estatuto weberiano, nos "[...] apresenta a fascinante e assombrosa figura de seu protagonista, Irineu Funes, cuja percepção o permite tudo perceber e cuja memória o permite de tudo se lembrar" (PEREIRA, 2012, p. 91). **Metodologia** - Este estudo constitui-se de uma revisão da literatura especializada, no qual realizou-se, prioritariamente, uma consulta às próprias obras dos autores - de Jorge Luís Borges, mobilizamos seu conto *Funes, o memorioso* e de Weber seu ensaio intitulado *A "objetividade" do conhecimento na ciência social e na ciência política*. **Resultados** - Desse modo, valendo-nos da seleção de um conto cujo protagonista possui uma habilidade enciclopédica de armazenamento de informações, buscaremos, no limite, melhor apreendermos a concepção cética weberiana acerca do sujeito cognoscente (seus limites e falibilidade) e da fragilidade do conhecimento construída por esse sujeito. Não havendo, para o autor, movimento que consiga se expressar a totalidade e estando o sujeito cognoscente longe do absoluto, o conhecimento humano possível seria apenas o conhecimento limitado a estratégias ordenadoras da realidade que se apresenta. E é justamente, no nosso caso, ao compreender o ceticismo remetido ao sujeito cognoscente, na teorização weberiana, que se pode começar a entender o contraste da forma de conhecimento de Funes, personagem cuja percepção e memória são descritas como infalíveis. **Conclusão** - Assim, veremos que nada poderia ser mais estranho para Weber do que a noção de totalidade. Para ele todo o conhecimento científico se daria, muito antes, pelo recorte finito dos eventos. Assim, seria preciso agarrar-se à elaboração de conceitos, para que as complexidades do real fossem reduzidas. Ou, dito de outro modo, "o esquecimento [seria] tão importante quanto a lembrança [...] [a] acumulação desenfreada e absoluta [seria] impossível" (DODEBEI; GOUVEIA, 2008, p. 8).

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Atualmente é bolsista-voluntária do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC/CNPq).  
Email: crln.stephanie@gmail.com

Infinito, inesgotável, informe, incomensurável, indomável, caótico. Finito, esgotável, forma, mensurável, domado, organizado. Tais conjuntos de qualificativos apontam, segundo Gigante (2006, p. 50) para um grande dilema epistemológico colocado pelo pensamento de Max Weber. O primeiro conjunto de características referir-se-ia à definição do dado empírico, uma categoria caótica e embaralhada para Weber. Aquelas características, ao indicarem restrição, desnudariam a convicção weberiana acerca dos limites do conhecimento. Quando Weber fala em infinitude e incomensurabilidade associando-as à realidade e aos materiais do conhecimento em sua forma bruta que a compõe, está afastando-se da dialética e da ontologia, reconhecendo, pois, a infinitude das coisas em si e, por conseguinte, a incapacidade do conhecimento de aprender a totalidade do real. Herdeiro do kantismo<sup>2</sup>, para ele o pensamento é sempre um corte, um hiato representacional entre o real e o apreendido. O ser em si das coisas seria, pois, incognoscível. Tudo o que existiria seria a forma como acessamos e ordenamos o mundo externo, como sujeitos cognoscentes caracterizados por limites cognitivos. O apreensível pelo sujeito não será, sob o estatuto do pensamento

---

<sup>2</sup> Para a *filosofia transcendental* ou *idealismo transcendental* - a teoria do conhecimento de Kant - a necessária alavanca para o conhecimento seria a experiência - matéria-prima originária de toda a cognição humana. Todavia, se bem que o conhecimento seja excitado, despertado e provocado pela experiência (por meio dos cinco sentidos), a esta seriam aditados conceitos puros (ou *a priori*), que inarredavelmente a revestirão, modulando-a e acolhendo-a. Isto é, toda a nossa experiência e, por conseguinte, todo nosso conhecimento, estariam embebidos por pressupostos e teorias, de tal modo perpassados por estes que seríamos impotentes para ver as *coisas-em-si* (ou *númenos*), incognoscíveis para nós; o que conheceríamos, em verdade, seria tão-somente as coisas como elas se nos apresentam, como manifestam-se e se nos aparecem (intersubjetivamente), ou seja, como *coisas-para-nós* (*fenômenos*).

Portador desse aparato cognitivo específico, o conhecimento do mundo humano adviria, portanto, de uma relação orgânica, de uma articulação, entre o conhecimento sensível – “terreno” interseccionado pela afecção sofrida passivamente pelo sujeito (objeto que lhe é dado), denominada *intuição empírica*, e, adjacientemente, pela *intuição pura* (“formas” da sensibilidade: o *espaço*, forma do sentido externo; e o *tempo*, forma do sentido interno) - e o conhecimento intelectual, cujos elementos são os conceitos.

Longe de se limitar meramente aos *fenômenos* (do grego *phainesthai*, coisas como se manifestam ou aparecem), ou *coisas para nós*, “que não representam coisas em si mesmas” (KANT, 1987, p. 332, grifo do autor, apud SILVEIRA, 2002, p.42), a realidade não seria redutível ao cognoscível (*fenômenos*). Este estaria circundado por “coisas” *sicut sunt*, como são “em-si”, por metafenômenos, ou seja, pelos *númenos*, que, “negativamente”, iriam além da existência do sujeito, como, passível meramente de “pensabilidade” e de “possibilidade”, mas não de “cognoscibilidade”. Assim, para Kant, é através desse reconhecimento e/ou entendimento restrito da cognoscibilidade, que se obstaríamos e/ou bloquearíamos pretensões cognitivamente obscurecidas e corroídas.

Para uma exata compreensão, em suma-síntese: o *númeno* (*coisa-em-si*), impassível de cognoscibilidade, poder-se-ia converter em objeto de conhecimento, isto é, num *fenômeno* ou *coisa-para-nós*. No respeitante a esta transformação, o que a possibilitaria seriam as *formas puras da sensibilidade* (*espaço e tempo*), que captariam as *sensações* produzidas pelo *númeno* ou *coisas-em-si* (deste primeiro momento, seriam resultantes as *percepções*); e, num segundo momento, as *formas a priori do entendimento* (dadas a nós pela *razão*) metamorfoseariam as percepções em *coisas-para-nós*. Esquemáticamente, as reflexões expandidas por Kant assim ficariam: *númeno; sensações; formas da sensibilidade; percepções; formas do entendimento; e fenômeno*.

weberiano, correspondente às coisas em si (tais como existiriam na realidade empírica), na medida em que

[d]o ponto de vista de (*sic*) da atividade cognitiva, trata-se, em princípio, de **esgotar** um trajeto investigativo e sistematizar as questões levantadas num fechamento ao menos provisório. O campo das fontes do conhecimento, inesgotáveis, e dos nexos causais plurais representam outro obstáculo. Em outras palavras, trata-se de dar **forma**, sentido e qualidade ao objeto moldado, porque é resultado um trabalho que traz consigo um fim já antecipado. Aliás, desde o ponto de vista da brutalidade dos materiais do conhecimento, o trabalho cognitivo dá forma ao caráter informe de tais materiais. Ainda no interior do racionalismo crítico, talvez mais próximo de seu núcleo, o trabalho cognitivo é **mensuração**, é medida, cálculo, previsão, antecipação, cujo exemplo clássico encontra-se na História da Astronomia Ocidental, toda ela fundamentada na tentativa de medir, mensurar, prever os comportamentos orbitais observáveis, sua lei e estrutura. [...] A mensuração também se coloca como ferramenta cognitiva dos empreendimentos de explicação históricos, porque implica em selecionar e combinar fatores históricos específicos e em ver sua relação de causação. Isto porque mensurar significa **imputar**, ou seja: limpar; calcular; atribuir responsabilidade a algo; verificar e estimar; obter graus de determinação verificáveis. Uma qualidade do trabalho cognitivo que tem de **domar** os aspectos incomensuráveis dos materiais do conhecimento (GIGANTE, 2006, p. 51, grifo do autor).

Haveria, pois, para Weber, uma separação esquemática entre o em si e o para si, na medida em que o que existiria seria uma realidade empírica em tudo confusa e caótica (manifesta em um devir incomensurável), e um pensamento humano, em contraste, finito e com capacidade ordenadora. Assim, o conhecimento humano, para o sociólogo alemão, definir-se-ia pelo estatuto da representação, sendo a representação não idêntica ao real, mas sim uma capacidade do pensamento para apreendê-lo, como a partir de sínteses conceituais.

Logo, nada mais estranho para Weber, do que a noção de totalidade. Estando o autor em comento muito mais próximo de uma estratégia de investigação muito afinada e extremamente cuidadosa em relação a generalizações, para ele todo o conhecimento da ciência dar-se-ia, pois, pela parcialidade e pelo recorte finito dos eventos. Diante da tremenda barafunda em que se constituiria o real, com sua massa caótica de elementos individuais, seria preciso agarrar-se, em cada esfera da ciência, na elaboração de conceitos, para que as complexidades do real fossem reduzidas.

Ocorre que, tão logo tentamos tomar consciência do modo como se nos apresenta imediatamente a vida, verificamos que se nos manifesta, "dentro" e "fora" de nós, sob uma quase *infinita diversidade* de eventos que aparecem e desaparecem sucessiva e simultaneamente. E a *absoluta infinidade dessa diversidade* subsiste, sem qualquer atenuante do seu caráter intensivo, mesmo quando prestamos a nossa atenção isoladamente, a um único "objeto" [...] e

isso tão logo tentamos descrever de forma *exhaustiva* essa "singularidade" *em todos* os seus componentes individuais, e muito mais ainda quando tentamos captá-la naquilo que tem de causalmente determinado. Assim, todo o conhecimento reflexivo da *realidade infinita* realizado pelo espírito humano finito baseia-se na premissa tácita de que apenas um *fragmento* limitado dessa realidade poderá constituir de cada vez o objeto da compreensão científica, e de que só ele será "essencial" no sentido de "digno de ser conhecido" (WEBER, 2001, p. 88, grifo nosso).

É justamente esse "princípio da seleção do essencial", que se preocupa em limitar, especificar, focar e cortar um evento ou processo histórico e conter sua complexidade, que é seguido por Weber, sendo o conceito, em si, importante para assegurar essa redução da cultura à seleção do que consideramos mais importante. A questão weberiana partiria, deste modo, de uma concepção cética do sujeito cognoscente (seus limites e *falibilidade*), que redundará no reconhecimento de que o mundo é fenomenicamente indomável, incomensurável e infinito. Diante de uma espécie de "dança de confronto" e da tensão por ela colocada sobre a relação entre realidade (infinita) e sujeito (finito), reconhece, Weber, as limitações recaídas sobre o sujeito, bem como a fragilidade do conhecimento. O conhecimento representaria, pois, a realidade, pois o pensamento, necessariamente, é finito. O conhecimento não seria, portanto, a realidade. E é justamente ao compreender o ceticismo remetido ao sujeito cognoscente, na teorização weberiana, que se pode começar a entender o contraste da forma de conhecimento de *Funes, o memorioso*, personagem do conto de Jorge Luís Borges (2000).

Dezenove anos havia vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir, esquecia-se de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, *o presente era quase intolerável de tão rico e tão nítido*, e também as memórias mais antigas e mais triviais. Pouco depois averiguou que estava paralítico. Fato pouco o interessou. Pensou (sentiu) que a imobilidade era um preço mínimo. *Agora a sua percepção e sua memória eram infalíveis* (BORGES, 2000, grifo nosso).

Para Weber, uma vez que a realidade é ilimitada e infinita, o trabalho cognitivo humano bem como os instrumentais cognitivos mobilizados por esta atividade (como as teorias científicas) não poderiam dar conta da grandeza e complexidade da vida social - muito menos esta poderia ser forçada a caber em uma teoria -; constituir-se-iam, então, essa atividade e todos os seus instrumentais, em estratégias que possuímos para ordenar os dados apresentados pela realidade. Não havendo, para Weber, movimento que consiga se expressar pela totalidade e estando o sujeito cognoscente longe do absoluto,

o conhecimento humano possível seria apenas o conhecimento limitado. Por melhor, então, que fosse uma teoria, ela não esgotaria o mundo; o mundo ultrapassaria a teoria em todos os aspectos. Não se poderia, como todo o dogmatismo necessária e equivocadamente o pretende, esgotar os fenômenos. Finalmente, para Weber, o método (compreensivo de interpretação histórica) seria, então, um meio de controlar a realidade irracional da vida e seus conteúdos.

À guisa de fechamento, acreditando, como Max Weber, que

[o] esquecimento é tão importante quanto a lembrança [...] [a] acumulação desenfreada e absoluta é impossível. Borges (2000), no conto Funes, o memorioso, nos indica que lembrar todos os segundos de uma existência é impedir a própria condição de existir, como observado por Irineu Funes, "... o presente era quase intolerável de tão rico e tão nítido... minha memória, senhor, é como o despejador de lixos" (DODEBEI; GOUVEIA, 2008, p. 8).

## REFERÊNCIAS

BORGES, J. L. **Funes, o memorioso**. 2000. Disponível em: <<http://alfredo-braga.pro.br/biblioteca/memoriosos.html>>. Acesso em: 06 fev. 2017.

DODEBEI, V.; GOUVEIA, I. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 5, 2008.

GIGANTE, L. C. **Epistemologia, construção conceitual e comparação histórica em Weber**. 2006. 114 f.. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

PEREIRA, E. Apreensão e significação em "Funes, o memorioso", de Jorge Luís Borges. **Estudos semióticos**, São Paulo, v. 8, n. 1, 2012.

SILVEIRA, F. L. da. A teoria do conhecimento de Kant: o idealismo transcendental. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 19, 2002.

WEBER, M. A "objetividade" do conhecimento na ciência social e na ciência política, In: \_\_\_\_\_. **Metodologia das ciências sociais - Parte 1**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.